

Favela da Paraíba migra para o DF

Migração

José Euflávio

O processo de migração para Brasília continua de forma assustadora e em muitos estados do Nordeste é impossível encontrar passagem para se viajar imediatamente. Na Paraíba, por exemplo, as duas empresas que fazem a linha para o DF — Itapemirim e Planalto — estão com suas vagas comprometidas até o final do mês, fato que vem forçando os empresários do setor a colocar ônibus extras nas linhas.

São milhares de famílias expulsas do campo que procuram os grandes centros como forma de conseguir uma vida melhor. Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro ganham disparadas de outras cidades na preferência dos migrantes. Em cidades como João Pessoa acontecem fatos interessantes: a população da favela Beira Rio, segundo uma pesquisa feita por alunos do curso de Estatística da Universidade Federal da Paraíba, está diminuindo.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de crescimento na capital da Paraíba é da ordem de 1,5 por cento ao ano. Em agosto de 1989 a população da favela Beira Rio era de 18 mil habitantes. Hoje tem apenas 14 mil 536, segundo atestam os dados dos alunos da UFPB, colhidos em maio deste ano. "Aqui as pessoas estão deixando a favela para tentar conseguir um terreno em Brasília", denuncia Paulo Marcelo, presidente da Associação dos Moradores da favela. "Todos os dias sai gente daqui para Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades", diz ele.

Lotação — Somente no dia 9 passado, uma sexta-feira, oito ônibus deixaram a Paraíba com destino a Brasília. Ao todo traziam 400 passageiros. Destes, 176 não

conheciam a cidade, mas vinham com uma determinação: morar no DF, nem que para isso tenham que habitar barracos, mocambos e palafitas.

É simples o que motiva essa revoada dos nordestinos para Brasília. Em cidades de porte maior, como João Pessoa e Campina Grande, o mercado não absorve toda a força de trabalho e muitos passam a viver de bico — meio de ganhar a vida fazendo pequenos serviços sem nenhum vínculo empregatício. No campo, um dia de trabalho na agricultura custa Cr\$ 800,00. Mas nem todos conseguem trabalhar a semana inteira. A concorrência é grande e o fazendeiro sabendo disso explora ainda mais o pobre nordestino, diminuindo o preço da diárida. Vivendo nessas condições, não é de estranhar que o homem migre para grandes centros à procura de acomodação para si e sua família.

Boa parte da população favelada de João pessoa é formada por gente que veio do interior, todos atraídos pelo sonho de morar numa cidade maior. João pessoa tem, hoje, uma população favelada da ordem de 150 mil pessoas, conforme dados da Fundação de Assistência Comunitária, entidade do governo do estado que atende populações faveladas. Esse número é alto, considerando-se que a cidade tem apenas 700 mil habitantes, pelos dados da estimativa do IBGE.

Em pequenas cidades da Paraíba, a população ao invés de aumentar, diminui. São José de Espinharas e o vilarejo de Aparecida estão estacionados no tempo há pelo menos quatro anos. Nas salas de aula, uma pesquisa da Secretaria de Educação do estado comprova que vem diminuindo o número de alunos matriculados. O secretário de Educação, professor Sebastião Guimarães Vieira, diz que dez por cento dos alunos matriculados no primeiro semestre já abandonaram a escola. "Os pais dos alunos decidiram migrar para outros estados", afirma.



FOTOS: WANDERLEI POZZOMBOM/ENVIADO ESPECIAL



Em apenas um dia, oito ônibus deixaram a Paraíba, com destino a Brasília. Ao todo, traziam 400 pessoas decididas a ficar